



## CAMPINAS: HISTÓRICA E ASSOMBRADA

# Patrimônios traumáticos, narrativas de terror e formação da memória coletiva e da percepção histórica de uma cidade

**Palavras-Chave:** PATRIMÔNIO HISTÓRICO, PATRIMÔNIO SOMBRIO, DARK TOURISM, TURISMO, MEMÓRIA COLETIVA, HISTÓRIA DE CAMPINAS, HISTÓRIA DO MEDO

**Autores(as):**

**PAOLA ASSUNÇÃO CARRARO, IFCH - UNICAMP**

**Prof<sup>ª</sup>. Dra. CRISTINA MENEGUELO (orientadora), IFCH - UNICAMP**

---

### INTRODUÇÃO:

Temas sensíveis como a morte sempre se apresentaram nos debates das ciências humanas, de modo que se alastram para todas as áreas onde tais disciplinas encontram seus objetos de estudo. Nesse sentido, a temática delicada da dor e do morrer se aloca não somente nas discussões abstratas e filosóficas das humanidades, mas também no próprio espaço físico onde os homens habitam. De pequenas comunidades às grandes metrópoles, onde há pessoas, há também ritos de morte que ocupam o espaço tangível com cemitérios, túmulos, monumentos de homenagem e - menos observado, mas ainda sim muito comuns - locais de assombração. Assim, é indispensável o papel dos estudos sobre a cidade, o urbano e os patrimônios históricos diante das memórias de trauma, daí a importância de se observar e compreender suas múltiplas experiências, visitas e narrativas atentamente. Ao trabalhar com o espaço urbano, ocupado pelo cotidiano da população que o habita, esta pesquisa busca entender as dinâmicas entre a comunidade e as experiências históricas traumáticas de uma cidade, por meio da apropriação alternativa que nela se desenvolve - o chamado *dark tourism*, em Campinas (SP)

É evidente que são várias as formas de vínculo entre os temas sensíveis de uma região e sua população, porém, é fato que essa interação está intensamente associada à consciência coletiva acerca destas memórias, na maior parte das vezes definida pelos diversos entrosamentos na e da urbe. Dessa forma, a história do trauma e a percepção popular sobre ele se ampliam para a discussão da formação da memória coletiva, definida como um conjunto de símbolos, conceitos e lembranças individuais e populares que constituem uma comunidade e a relação dela com sua própria história (BACZKO, 1985). A memória coletiva, portanto, passa por processos constantes de remodelação, definindo direta ou indiretamente as dinâmicas do esquecer e do lembrar atuando como formadoras das percepções coletivas sobre a história, profundamente afetadas pelas relações de poder estabelecidas em dado contexto. Aqui, memória coletiva e História se divergem, na medida em que a primeira não necessita de métodos científicos para ser produzida,

não tem como objetivo a busca pela verdade factível e, sendo ela uma concepção complexa, que permite acessar mentalidades e apagamentos, a(s) memória(s) coletiva(s) pode(m) se apresentar como próprio objeto de estudo da historiografia, que observa a ação do homem no tempo.

É esta dicotomia de percepções que a pesquisa buscou observar, procurando compreender as interações dos patrimônios da dor e dos locais de memória sensível com o público que o consome na cidade de Campinas. Dessa maneira, a pesquisa se centrou na análise de um tipo específico de entrosamento: o turismo, especificamente o *dark tourism*. O também chamado de “turismo sombrio”, corresponde essencialmente ao ato de visitar locais associados à morte ou ao. Trata-se, portanto, de uma modalidade orientada pelo desejo de testemunhar locais de atrocidades, desastres e mortes, seja por motivações históricas, de rememoração, ou de entretenimento. Assim, se enquadram como fins dessas visitas os patrimônios sensíveis, definidos como locais de fruição complexa e que estão associados ao sofrimento, à exceção, ao encarceramento, à segregação, à punição e à morte (MENEGUELLO, 2020).

Essa conjuntura na qual o passado sombrio é evocado se faz presente no mundo todo, porém, o caso específico analisado nessa investigação é aquele desenvolvido no município de Campinas, grande centro urbano do interior paulista. A região conta com marcas profundas, emocionais e físicas - os próprios monumentos - de intrincada aflição, relacionadas a momentos traumáticos da história da cidade, principalmente no que tange o passado escravista, um elemento bastante definidor de bases estruturais locais. Neste cenário de feridas históricas, a percepção popular e a memória coletiva sobre esses locais e patrimônios se encontram na construção e narração de histórias de assombração. Parte importante da cultura popular de inúmeras culturas e municípios, as narrativas de terror de Campinas resultam em uma programação turística - objeto central de estudo da pesquisa.

Em 2021, após mais de um ano vivenciando o cenário catastrófico proporcionado pela pandemia da COVID-19, a materialidade é somada à cultura popular da cidade e assim se desenvolve o grupo independente *O Que Te Assombra (OQTA?)*, que, na tentativa de entender a morte, passa a contar as histórias de assombração da cidade e, após as medidas de flexibilização do isolamento, começa a promover programas turísticos gratuitos com a finalidade de percorrer locais “assombrados” como cemitérios, igrejas, ruas e becos do meio urbano.

A pesquisa se iniciou observando sobretudo o passeio “Assombrações de Campinas”, uma jornada de três horas de duração que tem como motor tais histórias de medo e terror, produzidas pelo imaginário popular em consonância com a história do município como um todo. Ao longo do processo, o grupo diversificou suas programações e seus locais de atuação e, desse modo, surgem novas rotas: *O Que Te Assombra? São Paulo, Assombrações de Santos, Caminhada Piracicaba: Um rio de assombrações*, entre outros. É evidente que a iniciativa turística do grupo *O que te assombra?* replica e reinventa outras várias semelhantes que se constituem como um tipo bastante específico de fruição da cidade, complementada também pela vasta produção audiovisual produzida pelo grupo, atualmente bem conhecido nas redes sociais como YouTube, Instagram e TikTok. Entre esses materiais, tem-se os vídeos e podcasts das atuações marginalizadas de Campinas, a exemplo de Elesbão e o Largo Santa Cruz, do Cemitério da Saudade e do Túnel da Vila Industrial, todos estes pontos da programação turística.

Ao historiador, cabe observar como se dão as dinâmicas entre a percepção coletiva do trauma, os patrimônios difíceis e a história de uma cidade - nesse caso, aquelas propiciadas pelo OQTA?. Nessa chave

de compreensão, o turismo sombrio é entendido pela conexão que ele apresenta para com a comunidade em que opera e se enquadra enquanto uma das várias formas de interação entre a população e sua história. Buscou-se, nessa investigação, refletir sobre as narrativas assombradas e seus embasamentos, avaliando se são produzidos a partir de conteúdos históricos ou criados pela cultura popular, além de compreender os objetivos dos organizadores das rotas, de seu diversificado público e quais os impactos destas apropriação do espaço público e o que as justifica.

## **METODOLOGIA:**

Em um primeiro momento, foi realizado o aprofundamento e levantamento bibliográfico e documental relacionados à temática dos patrimônios difíceis e do *dark tourism*, com foco no município de Campinas. Entre esses materiais, foram observados atentamente textos e livros que se debruçavam sobre as temáticas da morte, do sensível e da memória coletiva relativa às experiências traumáticas da histórica, com destaque às memórias da escravidão, bastante frequentes no município de Campinas. Em conjunto da coleta de materiais acadêmicos, foram separadas, arquivadas e analisadas as variadas produções do grupo *O Que Te Assombra?*, fundador dos passeios assombrados e responsável por reunir as narrativas que os compõem. Nesta etapa, foram mapeados os locais visitados e/ou citados pelo *OQTA?* em suas caminhadas, de modo que, assim como as histórias contadas no programa turístico, os processos e documentos referentes aos tombamentos - quando existentes - também foram observados.

A coleta de materiais documentais e audiovisuais, bibliografias, relatos e notícias foi constante, sendo aplicada durante toda a trajetória da pesquisa desenvolvida. Entretanto, concomitante à esta etapa, foram realizadas tanto visitas independentes aos pontos que compõem as programações, quanto as próprias caminhadas oferecidas pelo *OQTA?*. Durante estes passeios e consequentes encontros com os organizadores do grupo, sobretudo o guia Thiago de Souza, várias informações puderam ser obtidas, desde as noções basais dos membros fundadores, até as experiências de parte de seus espectadores, obtidas a partir de formulários oferecidos após algumas rotas. Ao final, apreendidos os materiais bibliográficos-históricos e as noções dos participantes, os dados foram analisados e as considerações finais sobre o problema histórico foram desenvolvidas e sofreram ainda uma expansão. A pesquisa permitiu um diálogo bastante promissor com a comunidade e sua compreensão sobre as memórias da dor locais e, não apenas isso, o *dark tourism*, realizado no mundo todo, aparece no caso do grupo *OQTA?* como forma de história pública, de remodelação da memória coletiva - ao mesmo que é afetado por ela. Desse modo, toda a investigação tem como etapa final em sua estruturação metodológica, a análise das informações obtidas para que se compreenda as dinâmicas do *dark tourism* e da interpretação do patrimônio relacionadas às interações entre o patrimônio difícil e a memória coletiva e seus impactos para a história sensível de Campinas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Em primeiro lugar, observando as bibliografias e textos, pode-se compreender a prática do turismo sombrio enquanto atividade que oferece a oportunidade de escrever e reescrever a história da vida e da morte das pessoas, ou promover interpretações (políticas) particulares sobre os eventos passados (SHARPLEY;

STONE, 2009). Neste sentido, não somente experiências sem cuidado com o sensível ou de buscar por recreação e entretenimento se desenvolvem nessa modalidade de turismo. O *dark tourism* apresenta desdobramentos bastante complexos que permeiam as esferas da memória coletiva, da educação patrimonial e um ensino de história para além da academia.

Com isso, ao estudar as histórias traumáticas da comunidade, seja por meio de suas histórias de assombração, seja visitando os espaços em que elas se materializam, o profissional da História consegue alcançar, em diversos casos, uma história por vezes ocultada. Investigar as memórias da dor de um município implica na observação de seus agentes marginalizados, normalmente alvos das mazelas sociais, políticas e econômicas. Desse modo, a partir dos estudos feitos sobre o grupo *O Que Te Assombra?* e seu público, foi atestado que o trabalho executado pelo conjunto, desde sua extensa pesquisa histórica até suas rotas, pôde viabilizar as histórias da dor de uma cidade como Campinas com um passado colonial e patriarcal bastante demarcado, onde se estabelece uma história oficial que pouco considera as narrativas “dos vencidos” daí uma possibilidade, por meio patrimônios esquecidos e das próprias narrativas da comunidade, de acessar a novos agentes sociais, que sofreram, resistiram e sobreviveram no imaginário popular.

Quanto a pesquisa com alguns participantes dos passeios, os resultados foram bastante enriquecedores para a presente investigação. Inicialmente, dentre os consultados, a grande maioria não conhecia os pontos visitados:

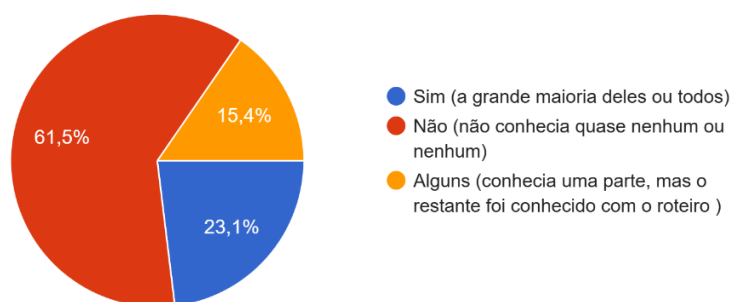


Figura 1: (Gráfico de respostas da pergunta nº 8 : "Você conhecia os pontos históricos visitados pelo tour?")

Além disso, nessa coleta de impressões gerais do público, algumas críticas aos tours também apareceram, muitas delas em função do caráter mais histórico e sensível dos guias. Uma das respostas sugeriu que nos passeios houvesse atores fantasiados para assustar os espectadores, outra criticou a ausência da “parte assombrada” prometida pelos títulos das programações e uma terceira opinião confessou sentir desconforto ao saber que os guias e organizadores do passeio não atuavam nem estudavam História ou Patrimônio, apesar de destacar que não sentiu que nenhuma fala tenha sido problemática. De modo geral, os passeios têm atraído um público bastante diversificado que, na maioria das vezes, se encanta pelas histórias que escuta, aprende sobre a cidade e busca se informar e até participar mais ativamente das práticas de patrimonialização e preservação da própria cidade.

Há de se pensar, diante dessas afirmações, quais as intenções do grupo *OQTA?* que tem produzido vários conteúdos sobre as narrativas dos milagreiros e suas dimensões sociais, estudado curandeiros, prostitutas e médiuns do passado que, de alguma forma, foram importantes para a população campineira, porém, acabaram esquecidos com o passar do anos e com a mudança dos ritos locais. E, há de se pensar nas intenções daqueles que os acompanham, por quê buscam frequentar locais assombrados, esperando

encenações caricatas ou não, e, por fim, o que se altera em seus imaginários e noções históricas após as programações turísticas.

## CONCLUSÕES:

Em suma, ao se aproximar dos estudos e produções do *O Que Te Assombra?*, que apresenta uma pesquisa historicamente acurada e que trabalha com diversas fontes (história oral, documentos oficiais, texto e produções acadêmicas e biografias) mesmo sem fazerem parte de áreas de atuação como a História, por exemplo, pode-se perceber uma quebra de expectativa, uma vez que alguns espectadores esperavam mais terror e assombração e, felizmente, encontram histórias cuidadosas, que democratizam o pensar acerca do patrimônio, de sua preservação e das diversas questões sociais e históricas que o envolvem.

Entretanto, apesar de grande parte das respostas sobre os *tours* serem em tom positivo, destacando como foi possível conhecer uma história alternativa da cidade e questionar práticas patrimoniais, ao fazerem uma abordagem mais apelativa, que chame a atenção geral pelo termo “assombrado” o conjunto está sujeito a alguns participantes orientados pelo fetiche do sombrio. É interessante que, a partir disso, o grupo cativa espectadores pouco prováveis com os quais estabelece um diálogo histórico e subverte o conceito de macabro, possível e praticável apenas diante da sensibilidade, do escutar e do relembrar.

## BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1977. 180 p.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

CHUVA, Marcia. **Entre vestígios do passado e interpretações da história – introdução aos estudos sobre o patrimônio cultural no Brasil**. In: CUREAU, Sandra et al. *Olhar multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do patrimônio cultural*, 2011.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300 – 1800 - uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 471 p.

FREITAS, Iohana Brito de. **Turismo histórico e memórias da escravidão**. In: SANTOS, Renato Emerson dos; BARROS, Teresa Guilhon; REIS, Desirree; ARAÚJO, Luis (Orgs.). **Territórios Negros: patrimônio e educação na Pequena África**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônios Dífceis (Sombrios). In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. 2020. p. 245-248.

MIKOSZ, João. E; MIKOSZ, Teresa L. *Faces da Morte na Arte: recortes na estética do Macabro*. 2020.

PEREIRA, Tércio. Motivações para prática do dark tourism. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 7 (14): 215-230, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3EUm3RM>> Acesso em: 14 mai. 2023.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva, trauma e cultura: um debate**. *Revista USP*, [S. l.], n. 98, p. 51-68, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69270>. Acesso em: 07 mar. 2023.

STONE, Philip. **Dark Tourism: An old concept in a new world**. University of Central Lancashire, Preston , Lancashire, p. 1-6, 2005. Disponível em:<<https://bit.ly/3xUFatA>> Acesso em: 14 mai. 2023.

STONE, Philip. R.; SHARPLEY, Richard. **The darker side of travel: The theory and practice of dark tourism**. Bristol: Channel view, 2009.